

AOS ESTUDANTES

Colegas: Entende a Comissão de Luta da Academia ser sua obrigação neste momento que surge cheio de interrogações e de dúvidas para todos nós, fazer um balanço da luta desenvolvida até aqui e apontar linhas de rumo para o futuro. Estamos conscientes de que tal como anteriormente é a clareza de objectivos, e compreensão global da perspectiva da luta estudantil que nos permitirá consolidar posições e, o que é muito importante, não nos deixarmos dominar pelo desânimo, permanecermos na luta.

A perspectiva de luta a nível nacional que se propunha na última Assembleia Magna, Greve Geral como posição e assumir pelas 3 Academias ou por número significativo de Escolas de Lisboa e Porto, mostrando desde logo a Academia de Coimbra o seu empenhamento nesse sentido, era sem dúvida (e agora mais claro do que nunca) a forma de luta que permitiria uma oposição frontal e eficaz ao MEIC e à sua política. Preparar terreno a nível nacional (Lisboa e Porto) propor formas de organização que ultrapassassem as barreiras tradicionais que são certos Direcções Associativas, caminhar para formas de coordenação nacional partindo primeiramente de coordenações da Academia (Lisboa e Porto). Era, sem dúvida apostar no futuro, era confiar no Movimento Estudantil Nacional, era a possibilidade de vitória e acima de tudo, seria uma experiência de luta estudantil cheia de ensinamentos.

Assim o não considerou o conjunto dos Estudantes. Assim o não consideraram forças políticas actuantes no Movimento Estudantil, assim o não consideraram elementos da Comissão de Luta.

Parente isto, que fazer?

Antes de mais compreender e depois permanecer na luta.

As dificuldades surgem agora em catadupa, temos que resistir e manter a todo o custo as conquistas que arrancámos após o 25 de Abril. Girar-nos em torno do objectivo que nos propusemos alcançar: o Caderno Revolucionário da Academia para isso é necessário em primeiro lugar não lançar a divisão entre nós, nem deixarmos isolar as escolas umas das outras.

A perspectiva da acção a nível nacional mantém-se como plano de acção, a coordenação é uma necessidade da que se deve suprir.

O que se passa a nível nacional, a relação de forças entre as classes fundamentais da sociedade, longe de serem frases pré-fabricadas, têm muito a ver com a movimentação estudantil. O que se passa hoje no Alentejo, sobretudo no distrito de Beja, onde as forças militarizadas assentaram arreiais, onde os assalariados agrícolas se veem permanentemente ameaçados de desocupação da terra que trabalham; o que a lei dos despedimentos permite (14 maneiras de por na rua "com justa causa"), os operários de Agfa que o dizem; o que se pretende ao regulamentar as C.T.s.; tem muito a ver, determina mesmo a perspectiva de luta estudantil. Um governo que manda a GNR contra trabalhadores, mais facilmente reprime os estudantes e encerra as escolas. Preparar a opinião pública, monopolizar a informação, isolar os estudantes, caluniar a sua luta, é o 1º passo.

É isto, em última análise, o conteúdo a dar à palavra de ordem: Trabalhadores e Estudantes a mesma luta!

É neste contexto que se tem que entender o plano de acção para o futuro. É neste contexto que se deve integrar a actualização das forças políticas que quando a unanimidade ou quase unanimidade se perde no movimento estudantil devido ao avanço do processo da luta, recuam, por sistema, até essa unanimidade; com as cedências inevitáveis que implica. Efectivamente tais forças podem empurrar, mas não são determinantes (a situação a nível nacional, o próprio resultado eleitoral que pode ser explorado como aval a Sotto Mayor Cardia e António Barreto, essas sim são determinantes). Não devemos substituir essas forças nomeadamente na Academia de Coimbra.

Quebrar o isolamento que nos querem impôr em relação à população e aos trabalhadores do país, apoiar-os de todas as formas na sua luta quotidiana, agarrar as escolas reforçar as estruturas de curso, ano e as Comissões de Escola e ter especial atenção aos colegas dos 1ºs. anos menos familiarizados com as tradições de luta e de solidariedade da Academia e por vezes traumatizados politicamente pela experiência que trazem dos Liceus+um ano de escola, são eixos fundamentais para o Movimento Estudantil.

TRABALHADORES E ESTUDANTES UNIDOS E ORGANIZADOS ATÉ À VITÓRIA FINAL !

Coimbra, 14 de Dezembro de 1976

A COMISSÃO DE LUTA DA ACADEMIA